

Literatura e História, um diálogo possível

Lourembergue Alves*

Este artigo propõe o estreitamento dos laços entre Literatura e História, buscando o pensamento transdisciplinar que, além de não se quebrar nas fronteiras entre as áreas do saber, permite o diálogo pluralista, com vistas ao conhecimento das realidades de Mato Grosso. História – Literatura – Mato Grosso – diálogo.

Continuo considerando a escrita da história um gênero literário, ou um feixe de gêneros, que, assim como o épico, o lírico e o dramático, tem sua própria retórica, suas próprias convenções de apresentação. (historiador inglês Peter Burke).

* É historiador, professor da Universidade de Cuiabá, articulista de jornais da Capital e 1º Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Introdução

A chave para compreensão de uma sociedade encontra-se num complexo terreno das ações e realizações do ser humano, nas experiências de cada grupo social e de cada povo, nas suas relações materiais e em toda a sua produção cultural. Assim, nada pode ser descartável. Tudo é importante, até mesmo *as fábulas, mitos e sonhos da imaginação*;¹ ou um simples gesto, pois este, no dizer de Marc Ferro, *podia ser uma frase, e o olhar, um longo discurso*; e, igualmente, o é a literatura. Esta, *como a história, enquanto saber ou discurso, é feita de palavras, a palavra, enquanto significado, na sua essência portanto, é feita de história*.² Ambas vêm de uma mesma origem;³ valem-se de metáforas, diálogos, modos de aumentar o suspense, etc.;⁴ e têm como objeto o próprio homem em ação. *Uma se realiza no dinamismo das civilizações; outra apropria-se da realidade histórica, transformando-a em realidade estética pelo imaginário*.⁶ – Tais aspectos não podem ser separados, pois concorrem para uma visão poliocular. Busca-se aqui o pensamento transdisciplinar que, além de não se quebrar nas fronteiras entre as áreas do saber, permite o diálogo pluralista com vistas ao conhecimento das realidades de Mato Grosso (o conhecimento e o estudo dos contextos regionais permitem uma leitura ampliada da história nacional). Com este intuito, é fundamental o contato do historiador com as obras literárias da região, correspondências dos capitães-generais e governadores da Capitânia e os textos dos cronistas e dos viajantes dos primeiros séculos de formação do Estado.

-
1. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: EdUNICAMP, 1990, p. 107.
 2. FERRO, Marc. O filme. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. *História: novos objetos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 202.
 3. PESSOTTI, Isaias. "Vantagens do turismo temporário". *Folha de São Paulo*, São Paulo, Mais!, 11 set. 1994, p. 6-6.
 4. WHITE, Hayden. "História recalcou a poesia". *Folha de São Paulo*, São Paulo, Mais!, 11 set. 1994, p. 6-5.
 5. BURKE, Peter. "A invenção da história". *Folha de São Paulo*, São Paulo, Mais!, 11 set. 1994, p. 6-4. A propósito este historiador diz: *A linha divisória entre a história e a ficção não é tão rígida. O historiador pode imaginar as coisas, mas o dever dele é depois escrever as anotações explicando o que o levou a imaginar isso, que problema tal ractocínio vai solucionar ou liquidar com determinadas hipóteses, se tem fontes escritas ou se não tem, etc. O dever dele é publicar tudo isso, inclusive suas anotações. Quase tudo isso é permitido, com a condição de dizer muito claramente para o leitor o que foi feito e por que foi feito, como interpretou a fonte, qual o tratamento que deu, etc.*
 6. CASTRILLON, Olga Maria. "As possibilidades de diálogo entre a literatura e a história". *A Gazeta*, Cuiabá, Opinião, 26 fev. 2001, p. 4^a.

Os cronistas do século XVIII

Ter à frente as obras dos cronistas é ver Mato Grosso com outros olhos. Vê-lo com o olhar deles. E isso não é outra coisa senão o abrir as páginas dos primórdios da historiografia regional. Páginas fundamentais de uma história que diz respeito a todos os mato-grossenses – por adoção e/ou por nascimento.

Antes de abri-las (as páginas), porém, é necessário, inicialmente, pensar sobre a palavra cronista. Ela faz alusão ao autor de crônica, que, por sua vez, vem do latim *chronica*, derivado do grego *kronica biblia, os anais*, significando *relato no qual os fatos são registrados ou narrados em ordem cronológica*.⁷ Tem, portanto, origem antiquíssima, mas alcançou sua maior expressão na Idade Média, quando, em geral, narrava os acontecimentos ocorridos durante certos reinados, sem se ocupar com as suas causas e as suas conseqüências. A Crônica Breve do Arquivo Nacional, por exemplo, não passa de um resumo histórico, redigido em 1429, dos reis de Portugal até Dom Dinis.⁸ Mas foi a partir de Fernão Lopes,⁹ considerado o mais notável dos cronistas portugueses, que a crônica¹⁰ como historiografia tornou-se gênero independente. Tem-se, então, o historiógrafo, que, quase sempre, é o encarregado oficial de narrar os acontecimentos de uma época ou a vida de uma personagem histórica. A história do Brasil de Rocha Pombo pode ser considerada como obra de um historiógrafo.

7. GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1995, v. 7, p. 1708

8. *Ibidem*.

9. Historiador português nascido em 1380, vindo a falecer em 1460, cronista-mor do Reino, nomeado por D. Duarte em 1441. Guarda-mor da Torre do Tombo durante trinta e seis anos, escreveu a crônica de D. João I (1443), a crônica de D. Fernando. Ele foi intérprete de um dos momentos mais importantes da história de Portugal, a crise de 1282-1385, que colocou no trono D. João I, destacando a atuação do povo como protagonista da história. Sua narrativa, dramática e expressiva, aproxima-se em certos momentos da poesia (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL op. cit., v. 15, p. 3.652). Na reconstituição dos acontecimentos utilizava os documentos e registros de que dispunha, iniciando, portanto, uma forma de trabalho mais fidedigna. Por outro lado, também ouvia testemunhas, confrontava as versões e dava preferência àquela que dispunha de melhor comprovação documental. Adotava, ainda, o método de associação da história política à econômica e mostrava interesse no aspecto psicológico dos participantes. Traçou, assim, excelentes retratos de figuras como D. Fernando e o Infante D. João, o mestre de Avis. Pelas qualidades de historiador e também de escritor e narrador impecável, é considerado o fundador da grande prosa portuguesa (NOVA ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA FOLHA. São Paulo: Folha de São Paulo, 1996, v. 2, p. 576).

10. A crônica tem uma outra acepção, o de uma narração curta e informal que focaliza um tema restrito, escrita em prosa amena e/ou coloquial, onde são freqüentes as notas de humor: relato malicioso da vida mundana, aspectos pitorescos sociais com bonomia. No Brasil, entre outros, apareceram os seguintes nomes José de Alencar, Joaquim Macedo, Machado de Assis, Raquel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Hettor Cony e outros (FRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. Op. cit., v. 7, p. 1.708).

Os historiógrafos (que, em grego, significam escritores de história ou cronistas de uma época) tiveram um papel importante na historiografia brasileira e mato-grossense. Eles deixaram importantes textos e documentos, através dos quais pode-se reconstituir os acontecimentos que marcaram o primeiro século da vida de Mato Grosso.

Mato Grosso nasceu, no século XVIII, da exploração do ouro. A primeira mina encontrada foi a do Coxipó. Depois desta, surgiram outras, a saber: as lavras do Sutil, em 1722, às margens do Prainha; as da Chapada de São Francisco Xavier (1732), propriamente na região do rio Galera; as dos ribeirinhos de Santana e de Brumado; as do ribeirão da Conceição, em 1736, situadas no sul da Chapada de São Francisco Xavier; as das cabeceiras do rio Arinos onde se fundou o Arraial de Santa Izabel; as de Nossa Senhora dos Remédios, em 1756, a quatro léguas de distância das minas do Cuiabá; as de Beripoconé, em 1777, que, mais tarde, se constituíram no Arraial de São Pedro d' El Rey (atual Poconé); as do Sapateiro (1789), localizada também a quatro léguas do Cuiabá; as do Alto Paraguai, de diamante. Prosseguindo as descobertas auríferas, rumo ao Oeste de Cuiabá, alcançando os vales do Guaporé, Sararé e do rio Galera, entre 1770 e 1783, outras lavras foram achadas como a de Nossa Senhora do Pilar, Santana, Ouro Fino, São Vicente, Santa Bárbara e Lavrinha.¹¹

Nota-se aí que a atividade extrativa do ouro, no século XVIII, foi a responsável pela ocupação das terras mato-grossenses. Enquanto muitos homens *meteram-se nos veios das correntezas e trabalhavam nos tabuleiros das margens*, arrancando daqueles *areias que luziam e destas, cascalhos prenhes de metal que chispava*;¹² outros, não em igual número, registravam tais feitos e contavam a história regional.

O primeiro desses historiógrafos ou cronistas foi José Barbosa de Sá,¹³ que viveu nas minas cuiabanas, durante o século XVIII. Em suas Crônicas

11. Apud ALVES, Lourembergue. "A Capitania de Mato Grosso". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - Comemorativa dos 500 anos do descobrimento do Brasil*. Cuiabá: Edição do IHGMT, 2.000, p. 34.

12. SETUBAL, Paulo. *O ouro de Cuiabá*. São Paulo: ed. Nacional, 1933, p. 120.

13. José Barbosa de Sá residiu em Cuiabá, onde veio a falecer em 30 de maio de 1776, deixando viúva Dona Joana Pires de Campos e dois filhos, José e Joaquim. De acordo com Mesquita, bem pouco se sabe do que foi Barbosa de Sá, além do que dele diz vagamente um outro discreto autor de coisas mato-grossenses. Alcança-se quando muito que foi advogado em Cuiabá e tinha o título de licenciado, devendo ter feito os seus estudos em Coimbra. A mercê do diploma de licenciado, deixou duas obras manuscritas: a primeira, *Relação das Povoações de Cuiabá e Mato Grosso* - que a Biblioteca Nacional publicou em seus anais, volume XXIII, 1901 - e os *Diálogos Geográficos Cronológicos, políticos e naturais*, oferecidos ao Capitão-General Luís Pinto de Souza Coutinho, registravam as impressões colhidas nas paragens espanholas. Este último trabalho, segundo Mesquita, escrito em 1769, contém uma relação de animais e plantas do Brasil (MESQUITA, José de. *Gente e coisas de antanho. Cadernos Cuiabanos - 4*. Cuiabá: Prefeitura Municipal de Cuiabá/Secretaria Municipal de Educação e Cultural/ Departamento de Cultura e Turismo, abril de 1978, n. 2, pp. 140/1).

de Cuiabá, relata fatos da terra, desde a fundação do povoado, até 1765.¹⁴ De acordo com Mesquita, a sua *Relação das povoações de Cuiabá e Mato Grosso de seus primeiros até os presentes tempos*, outra coisa não é senão o próprio texto dos anais do Senado da Câmara, copiado daquelas (crônicas), *representa a única fonte segura da história regional*.¹⁵ Na referida obra, encontra-se, por exemplo, o acontecimento que antecedeu a descoberta das Lavras do Sutil:

Sutil, o camarada e mais comitiva de escravos com os descobridores por guias estavam postos a caminho, seguindo-lhes os passos como por eles, chegaram ao lugar onde se acha esta vila do Cuiabá, que era coberto de mato serrado, com grandiosos arvoredos, e no lugar chamado hoje Tanque do Ernesto e tomando com a Capela de Nossa Senhora do Rosário, que era campestre, mostrou o índio o seu invento, onde logo foram vendo ouro sobre a terra e apanhando às mãos (...)No dia seguinte, botaram-se para o Arraial do Coxipó e fizeram público o descoberto ao que se seguiu desejarem todos e mudaram-se para este sítio a que chamaram lavras do Sutil...¹⁶

A descoberta dessas lavras foi providencial, pois a população mineradora do Arraial do Forquilha já estava tencionando deixar a região, em função do esgotamento do ouro nas barrancas do rio Coxipó. A partir de então, novas levadas migratórias, procedentes de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia, rumaram para Cuiabá. Eram mineiros, comerciantes e outros aventureiros, trazendo escravos e homens livres para o novo povoamento, que necessitava ser abastecido. Daí a importância das monções.¹⁷ A propósito, narra Barbosa de Sá:

Ano de 1725 vindo neste ano uma conserva de canoas de povoado para estas conquistas capitaneada por Diogo de Souza que trazia bastantes canoas suas, com muitos escravos e fazendas para negócios...¹⁸

14. PÔVOAS, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. São Paulo: Ed. Resenha, 1994, p. 17.

15. MESQUITA, José de. op. cit.

16. SÁ, José Barbosa de. *Relações das povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. Cuiabá: UFMT/SEC, 1985, p. 36.

17. Expedições formadas por várias canoas, que, vindas de São Paulo, através dos rios, atingiam a zona mineradora, trazendo além de homens as mercadorias.

18. SÁ, Barbosa de. op. cit., p. 18.

Entre as dificuldades enfrentadas pelas monções, durante o percurso de São Paulo até Cuiabá, encontra-se o ataque dos índios Guaicurús, Caiapós e os Paiaguás. Estes últimos, na verdade, foram os primeiros a atacar as embarcações, quando elas transitavam pelos rios. Uma dessas emboscadas, Barbosa de Sá narrou assim:

Vindo nesse ano (1733) monção do povoado (São Paulo) que constava de cinquenta canoas capitaneadas por José Cardoso Pimentel, natural da vila de Itú, navegando o pantanal perto do reduto no Carandarã, saiu-lhe um tumulto de Paiaguá investindo as canoas de monção, foram rendendo sem resistência alguma e só resistiu o Pimentel...¹⁹

Os ataques indígenas foram, quase sempre, respondidos pelos homens brancos, que, melhor armados, saíram-se vencedores. Sobre uma dessas reações contra os Paiaguás, em 1744, Barbosa de Sá faz o seguinte registro:

Foi caso milagroso porque só perdera um negro de uma frechada, e mataram trinta dos inimigos, chegados a esta vila (Cuiabá) foram render graças à capela e Nossa Senhora do Bom Despacho, e levar um caixão de cera por promessa que lhe havia feito na sua aflição.²⁰

Além dos conflitos entre brancos e índios, esse cronista ateuve sua atenção às querelas entre a Igreja e as autoridades régias. A propósito, ele registra:

(...) chegou monção e nela por vigário encomendado e da vara o Padre Antônio Dutra de Quadros, enviado pelo senhor Dom Frei Antônio de Guadalupe Bispo do Rio de Janeiro, prendeu logo que chegou, o antecessor, o Padre Lourenço de Toledo Taques...

(...) o Padre Antônio Dutra Quadros, antes de findar o seu triênio, nem lhe vir sucessor deixando em seu lugar o Padre André dos Santos Queirós, por grandes dúvidas e disputas que teve com o ouvidor, o dr. José de Burgos Vila Lobos, tanto que chegaram a descomposturas verbais.²¹

19. SÁ, José Barbosa de. op. cit., p. 76.

20. Ibidem, p. 43.

21. SÁ, José Barbosa de. op. cit., pp. 26, 32

Na verdade, alguns clérigos e frades que chegavam às minas do Cuiabá não estavam interessados apenas nos serviços da Igreja, mas também na extração do ouro, preocupados em adquirir fortunas. E, por conta disso, perturbavam o sossego público e cometiam vários absurdos e excessos de que se tem seguido perniciosas conseqüências e gravíssimos danos.²²

Isso provocava sérios conflitos entre o Estado e/ou as freguesias e a Igreja, estendendo-se até a maioria da população local (pois esta ficava sem a assistência de párocos), que já amargava, em períodos de crise sócio-econômica, com a falta de produtos de primeira necessidade (o que fazia aumentar seus preços). A diminuição da produção ocorria, também, em função das freqüentes secas, pragas de ratos e gafanhotos, que destruíam, por completo, as plantações de milho, feijão, mandioca e outras espécies componentes da cesta básica de alimentação. Sobre as pragas ocorridas em 1725, Barbosa de Sá afirma:

Os ratos eram tantos que senão podia deles livrar cousa alguma, não só destruíam os mantimentos como também as roupas, inquietavam as gentes de noite, que não podia.²³

Nada ou quase nada escapou do olhar desse cronista. Até mesmo a natureza serviu-lhe de objeto de estudo. Os seus Dados Geográficos, Cronológicos, Políticos e Naturais (1769), por exemplo, contém uma relação de animais e plantas do Brasil. Sempre minucioso e cuidadoso, relatou tudo que pode presenciar, ouvir e perceber na região, deixando um legado precioso de uma história que nos diz respeito.

Foi esse legado que serviu de ponto de partida para Joaquim da Costa Siqueira²⁴ se dedicar na lida com os fatos e ocorrências registradas em Cuiabá. Deste cronista²⁵, destaca-se *Compêndio Cronológico das Notícias*

22. Cf. Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, v. XXII, XXIII, p. 183.

23. Sá, José Barbosa de. op. cit., p. 18.

24. Segundo Mesquita, Joaquim da Costa Siqueira foi o arrematador, pelo preço de 48 oitavas e meia e 80 réis de ouro, do acervo de Barbosa de Sá, em dezembro de 1776 (após a morte deste). O referido acervo era constituído de três estantes e cento e vinte e três livros, entre grandes e pequenos (MESQUITA, José de. op. cit., p. 141).

25. Joaquim da Costa Siqueira descende, pelo lado materno, da família Maciel, que teve origem em São Paulo. Sua mãe era Maria Josefá Veloso e seu pai, Inácio da Costa de Siqueira. O seu nascimento deve ter ocorrido em 1740 ou 1741, em São Paulo. Casou-se, no ano de 1764, em sua terra natal, com Beatriz Leoniza do Amaral Gurgel, filha de Bento do Amaral da Silva e de Catarina Eufrasia. Logo após casar-se, rumou-se para Cuiabá, como Capitão de Cavalaria auxiliar nas minas de Cuiabá. Foi, ainda, juiz das medições e demarcações das sesmarias. Tirou razão de armas em 1795. "Fez-se à vida primitiva das minas e levou a sua existência bastante longa, partilhada entre as ocupações do serviço público e os seus negócios". Vindo a falecer em dezembro de 1821, em Cuiabá (MESQUITA, José de. op. cit., pp. 142/7).

de Cuiabá, Repartição da Capitania de Mato Grosso,²⁶ que, na realidade, constitui um registro dos acontecimentos da vida colonial, de 1775 até 1816 – *tendo prosseguido o trabalho do ponto em que o interrompeu o licenciado* (Barbosa de Sá).²⁷ Este seu trabalho compõe uma preciosa fonte de consulta, *onde se vão abeberar os curiosos do passado*.²⁸

Nesse trabalho, podem ser encontrados detalhes dos eventos realizados para recepcionar a chegada do prelado Dom Luís de Castro Pereira, em 1808, para ocupar o cargo de governador da prelazia de Cuiabá:

(...) todas as irmandades e confrarias desta vila, e logo atrás do pátio, o Senado da Câmara com o seu estandarte e insígnias, e logo, o regimento de milícias, que puxava o seu tenente-coronel, e por último os homens e o povo (...) Da rua da Mandioca seguia a procissão pela rua imediata chamada de Cima (...) no lugar que faz travessa a rua Alegre se achava outro arco feito pelos negociantes...²⁹

Encontra-se, igualmente, a crônica das festividades realizadas para homenagear a chegada do Capitão-General e Governador João Carlos Augusto D' Oeynhausen Gravenburg, em setembro de 1807:

Houve iluminação geral por três noites (...) na segunda delas ofereceu o Capitão Juiz de Fora Joaquim da Costa Siqueira, um pomposo carro todo iluminado em que ocupavam com propriedade os lugares, Apolo, Júpiter, Marte, Cupido, Juno, Vênus, Minerva e as nove musas, o qual, tendo rodeado a praça, parou em frente das janelas da aposentadoria de Sua Excelência, a quem dedicava aquele obséquio.³⁰

O Governador Oeynhausen e o prelado Dom Luís de Castro Pereira, em datas distintas, foram recebidos no Largo da Mandioca, com pompas e festividades. A respeito, Siqueira narrou assim os festejos em comemoração à Senhora Princesa da Beira:

26. Publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. XIII, 1872.

27. MESQUITA, José de. op. cit., p. 142.

28. *Ibidem*.

29. SIQUEIRA, Joaquim da Costa. "Compêndio histórico cronológico das notícias de Cuiabá, repartição da Capitania de Mato Grosso, desde o princípio do ano de 1778 até o fim do ano de 1817". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. I trim. 1850, p. 60.

30. SIQUEIRA, Joaquim da Costa. op. cit., p. 56.

(...) na tarde do dia 6, estando o povo junto na dita praça, pelas quatro horas entrou por ela aquela esperada embarcação armada em guerra com todos os preparativos próprios, cuja entrada lhe foi disputada pela fortaleza, disparando-lhe muitos tiros de peça, e que não correspondeu (...) depois do que voltando em bordo lhe foi fortíssimo fogo e, logo passando outro desbaratou bastantemente a fortaleza, que se viu obrigado a instigar a causa d' aquele movimento, e sendo-lhe comunicada a gostosa e plausível ação que ali a levava, se deu a fortaleza por vencida, acompanhando os plausíveis festejos não só a bandeira da paz que logo levantou, como mesmo com vinte e um tiros que disparou em obséquio da sereníssima Princesa da Beira, fazendo o navio o mesmo...³¹

Esse historiógrafo não se preocupou apenas com festas profanas e religiosas, atendo-se a todos os fatos ocorridos na região. O mesmo pode-se dizer do cronista João Antônio Cabral Camello, que escreveu *Notícias Práticas das Minas do Cuiabá e Goyases*.³² Nestas, ele descreve a sua viagem de São Paulo às minas de Cuiabá (1727), o itinerário seguido pelos bandeirantes e, ainda, a vila já localizada nas Lavras do Sutil e de seus arredores,³³ conforme pode-se perceber no trecho abaixo:

(...) dos morrinhos até a vila que são seis ou sete dias quase todo este rio está cercado de roças e fazendas, como também quatro ou cinco dias acima da mesma vila, e em todas se plantam milho e feijão, em os dois meses do ano, março e setembro, dão também excelentes mandiocas, de que se faz farinha. Há nelas muitas e melhores bananas que as dessas minas, e as suas bananas são mais suaves e de melhor gosto: tem já muitas melancias, e quase todo o ano; só os melões não produzem em tanta abundância; as batatas são singulares, e não menos o são fumos para tabaco e pito...³⁴

Utilizando-se deste mesmo estilo narrativo, o cronista descreve o ataque dos brancos contra os índios Paiaguás:

(...) armaram-se para isso muitas boas canoas, e com eles vieram buscar o Paiaguá (...) e, não o achando nele, passaram abaixo dois ou três dias

31. *Ibidem*, p. 56.

32. Esse trabalho foi publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. IV, p. 487-500.

33. PÓVOAS, Lenine C. op. cit., p. 17.

34. CAMELO, João Antônio Cabral. "Notícias práticas das minas do Cuyabá e Goyases". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. IV, p. 477.

de viagem em seu alcance: uma tarde que se achavam já arranchados em um barranco do rio os acometeu derrepente o Paiaguá; receberam-no os cuiabanos com a salva de dois pedreiros pequenos, que tinha levado aquelas minas o Senhor Rodrigo César; tiveram tão bem efeito, que sobre lhe lançar a pique duas canoas, o obrigaram também a retirar-se...³⁵

Camelo, de acordo com Virgílio Corrêa, sulcou os rios em 1727, apontando todas as cachoeiras, que se lhe depararam, desde o Sorocaba, pelo qual navegou, até o Cuiabá, e assinalou a região em que iam os cuiabanos em suas pescarias, *porém dois ou três meses que chegasse deram os Paiaguá em uma tropa de vinte e tantos que estavam pescando na barra do rio Porrudos, e os mataram.*³⁶

Mais adiante, ele afirma:

Maior povoamento observou no rio Cuiabá, desde o Arraial Velho, ou registro, que vem a ser uma roça com muito bom bananal, quatro ou cinco dias a montante da barra (Ilha do Bananal). Dia e meio mais acima desta roça está outra também povoada e desta até aos Morrinhos, que serão sete ou dias de viagem, há outras duas, que dão bastante milho e feijão. Porém, dos Morrinhos (Melgaço) até a Vila, que são seis ou sete dias, quase todo rio está cercado de roças e fazendas, como também quatro ou cinco acima da mesma vila, em todas se plantam milho e feijão, e também excelentes mandioca, de que se faz farinha, bananas, mais suaves...³⁷

Com relação aos arraiais existentes, José Gonçalves da Fonseca (autor de Notícias da Situação de Mato Grosso e Cuiabá: estado de uma e outras minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes), ao tratar das localidades próximas ao São Francisco Xavier, entre o Sararé e o Galera, afluente do Guaporé, escreveu:

Reduzido a verão e inverno, é este tão intemperado, que desde o mês de abril, em que principia, até o de setembro, em que acaba, equiparase a zona tórrida em que jaz, e, por sua vez, é o frio tão desordenado, como em Portugal se experimenta no janeiro mais desabrido. Às ve-

35. CAMELO, João Antônio Gabriel. Op. cit., p. 488.

36. CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1994, p. 241. Coleção Memórias Históricas.

37. Apud *Ibidem*, p. 241.

zes, acha-se o dia claro de sol intenso, e de repente se levanta do sueste um vento frigidíssimo com uma cerração de neblina tão espessa que apenas, pelos campos e pelas ruas se divisam as pessoas, quando chegam a encontrar-se. Agasalham-se, então, os moradores, pois o frio já em ocasiões foi tão grande, que apanhando em partes ermas alguns escravos, os privou de vida.³⁸

As Notícias da Situação de Mato Grosso e Cuiabá: estado de uma e outras minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes, na realidade, são registros das descobertas de minas de ouro nas vizinhanças de Vila Bela (fundação dos arraiais de Sant' Ana, São Francisco Xavier e do Pilar) e em outras regiões da Capitania, além de constar, também, as descrições do roteiro da jornada fluvial que se fazia de São Paulo e Cuiabá e do caminho que se abriu, por terra, de *Goyases para Cuiabá*.³⁹

As minas, igualmente, foram objetos de atenção de outro historiógrafo, a saber: Felipe Nogueira Coelho.⁴⁰ Em *Memórias Cronológicas da Capitania de Mato Grosso*, ele relata desde a vinda da bandeira de Antônio Pires de Campos à descoberta de novos veios auríferos, bem como as lutas contra tribos indígenas, a sucessão dos diversos Ouvidores, Proveedores da Fazenda e dos Capitães-Generais e Governadores.⁴¹

A mesma temática das descobertas das minas pode, ainda, ser encontrada na obra do Padre José Manoel de Siqueira,⁴² intitulada *Memória sobre a Decadência das três Capitâncias Mineradas*.

Todos os cronistas citados e analisados, além de registrarem os fatos e/ou acontecimentos concernentes à região mato-grossense, tinham outro ponto em comum: conheciam muito bem o Mato Grosso da época. O mesmo pode-se dizer de Joaquim Ferreira Moutinho.⁴³ Sobre este cronista, escreveu Mesquita:

38. Apud CORRÊA FILHO, Virgílio. Op. cit., p. 71.

39. PÓVOAS, Lenine C. op. cit., p. 18.

40. Esse cronista foi Provedor da Fazenda Real e Intendência do Ouro.

41. PÓVOAS, Lenine C. op. cit., p. 19.

42. Esse cronista nasceu em Cuiabá, em 1750. Foi nomeado por Dona Maria I professor de Filosofia Racional e Moral da Capitania e, ainda, sócio correspondente da Academia Real de Ciências de Lisboa.

Na série dos que escreveram acerca de Mato Grosso, ocupa destacado lugar (...), autor do alentado volume 'Notícias sobre a Província de Mato Grosso seguida d' um roteiro da viagem da sua Capital a São Paulo' (...) Essa obra, a que se tem feito rasgado gabos e acerbas censuras, é, não há negar, um precioso repositório de informações, qual mais curiosa, referentes à situação da província na Segunda metade do século passado, de 1850 a 1868, que foi o período em que nós viveu o autor da 'Notícia'. Sem a cultura de João Severiano, ou o estilo de Taunay, pode se, entretanto, dizer que Moutinho lhes leva vantagem no longo convívio de quase duas décadas em nosso meio, ao qual se integrou por dois enlaces, servindo-lhe descarte o conhecimento da terra e da gente cuiabana como o melhor garante dos informes trazidos a lume no seu livro.

Essa circunstância, porém, com reforçar-lhe a autoridade testemunhante, eiva-lhe as assertivas de paixão e parcialidade, a que dificilmente se refoge quando afetos ou interesses se intermetem entre o observador e os acontecimentos.⁴⁴

Os viajantes e cientistas também contribuíram

Esses cronistas viveram à época, observaram muitas vezes o transcurso dos fatos e, quase sempre, foram sujeitos ou coadjuvantes dos acontecimentos historiados por eles próprios. Suas obras, portanto, são, na verdade, depoimentos de uma época importante na constituição da história regional. Neste particular, devem ser encaixados também os viajantes do final do século XVIII e do XIX, pois estes, tanto quanto aqueles,

escreveram páginas fundamentais de uma história que nos diz respeito. O legado iconográfico e a literatura de viagem dos cronistas europeus trazem sempre a possibilidade de novas aproximações com a

43. Esse cronista nasceu no Porto (Portugal), vindo de sua pátria em 1846. Permaneceu no Rio de Janeiro até 1850, dirigiu-se para Cuiabá. Aqui, casou-se com a cuiabana Gerturdes Ludovina Monteiro, filha de Luiz Manoel Monteiro e Maria do Carmo Monteiro, descende pela linha paterna dos Monteiros de Mendonça e pela materna dos Morais Navarros. Esta sua esposa faleceu não muito tempo depois. O que o levou a um novo casamento, desta feita com Mariana Rita, filha de André Gaudie Ley e D. Rita de Campos Maciel. Em 1867, Moutinho e a família mudaram-se para São Paulo, depois para o Rio de Janeiro e, por fim, para Portugal, a 23 de agosto de 1868. Vindo a falecer em Belas (arredores de Lisboa) a 27 de junho de 1914 (MESQUITA, José de. op. cit., p. 164-9).

44. MESQUITA, José de. op. cit., p. 164.

45. BELLUZZO, Ana Maria. "A propósito d'o Brasil dos viajantes". In: *Revista USP*, São Paulo, n. 1, p. 10, mar./mai. 1989.

história do Brasil. No entanto, essas obras só podem dar a ver um Brasil pensado por outros. O olhar dos viajantes espelha, também, a condição de vermos pelos olhos deles.⁴⁵

Suas obras engendram uma história de ponto de vista. A propósito, cabe citar um trecho dos escritos de Luís D' Alincourt:

(...) uma Província, que só exporta ouro, e em que a agricultura é fraca; a população não avulta, o ouro é conduzido do seu seio para trocar-se por efeitos, que em breve tempo desaparecem; os descobertos não acham com freqüência, enfim ela vem de certo a cair no estado de pobreza, e a maior parte de seus habitantes fica reduzida a miséria: é disto o exemplo claro, o que sucede a esta Província, onde se tem extraído milhares de arrobas de ouro, porém que tem lucrado! Está reduzida ao mais deplorável abatimento (...) Eis aqui o estado verdadeiro do antemural do Brasil.⁴⁶

Mas Mato Grosso, mostrando ser maior do que as suas crises sócio-econômicas, atraía visitantes, mineradores, comerciantes e aventureiros. Sempre foi considerado o *Eldorado* ou a *terra da promessa*, onde o ouro e o diamante jorravam nas minas e nas grupiaras, despertando levadas migratórias de outras plagas nacionais e estrangeiras, e a sua natureza, rica em flora e fauna, despertava – e ainda desperta – o interesse de cientistas e viajantes.⁴⁷ No final do primeiro quartel do século XIX, por exemplo, a expedição russa, comandada pelo Barão George Heinrich von Langsdorff, esteve em Mato Grosso. De acordo com Sevckenko,

46. Apud LENHARO, Alcir. *Crise e mudança na frente Oeste de Colonização*. Cuiabá: UFMT/Imprensa Universitária/PRODEF, 1982, p. 13.

47. Mato Grosso foi, no século XIX, visitado e estudado pelas seguintes expedições: expedição Langsdorff, que, após encerrar a viagem, enviou para São Petersburgo um herbário com cerca de 60.000 espécimes brasileiras; expedição francesa formada de botânicos e comandada por Francis Castelnau, que publicou *Expedição às Regiões Centrais da América do Sul*; Bartolomé Bossi, explorador italiano, que visitou a região do Arinos, e, em 1863, publicou *Viaje Pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyabá*, no qual apresenta a descrição da Província de Mato Grosso sob seu aspecto físico, geográfico, mineralógico e suas produções naturais; expedição Morgan, integrada pelo norte-americano Herbert Smith, que escreveu *Do Rio de Janeiro a Cuiabá*; expedição alemã comandada por Karl von den Steinen, cuja observações colhidas foram reunidas na sua obra *Através do Brasil Central*, e os resultados da segunda expedição, chefiada por von den Steinen, foram publicados em *Entre os naturais do Brasil Central*; João Barbosa Rodrigues – diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro – explorou a flora marginal dos rios Cuiabá, São Lourenço e Paraguai, que resultou nos trabalhos monográficos *Plantas Mato-grossenses e Palmas Mato-grossenses*; a Comissão designada para demarcar a fronteira de Mato Grosso com a Bolívia, que contava com a participação de Ricardo Franco de Almeida Serra – autor de vários trabalhos sobre a região, que, no dizer de Cândido Rondon, “lançam sobre as páginas da história da Capitania de Mato Grosso um fulgor de talento, de hombridade e operosidade...”

(...) os russos tinham olhos largos para cima da natureza brasileira e nomearam também um botânico para ser o primeiro cônsul-geral do Império russo na corte brasileira, o barão Langsdorff (...) Ele que conhecia toda a Europa e toda a Ásia, além de todo o litoral da América do Norte, na primeira viagem de circunavegação –, no Brasil ele tem uma espécie de revelação e manifesta sentir pelo país e pelo contato com a sua natureza algo que nunca sentira em qualquer parte do mundo (...) Langsdorff é uma espécie de criatura emblemática, porque pode ter com relação à natureza (...) tinha a sedução sensual da paisagem, tinha a curiosidade científica, ele pretendia o domínio da natureza e atuar como agente colonizador; ele era, portanto, um homem que conseguiu sintetizar essas atitudes díspares todas...⁴⁸

Essa expedição permaneceu aqui por mais de vinte meses, visitando Camapuã, Corumbá, Chapada dos Guimarães, Quilombo, Curral dos Veados, Diamantino, Poconé, Jacobina, Cáceres, Vila Bela, além de outras cidades e povoações. Apresentou um projeto de aperfeiçoamento da navegação entre Cuiabá e Santarém, fundou o Jardim Botânico de Cuiabá.

Uma das pessoas que fazia parte dessa expedição era o desenhista Hercules Florence⁴⁹ que, ao visitar a Igreja de Chapada, diz: ela (a Igreja) “nada representa de notável no exterior, interiormente porém se bem decadente, é, guardadas as proporções, a mais rica de toda a província em ornamentação arquitetônica e em baixos relevos dourados. Ninguém pensa de certo, encontrar tais restos de riqueza numa aldeia da província de Mato Grosso”.⁵⁰

Esse desenhista escreveu um relatório da viagem da expedição Langsdorff, que, mais tarde, foi publicado sob a denominação de Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas, pelo Visconde de Taunay. Este último, por sua vez, publicou a Viagem de Regresso de Mato Grosso à Corte (1867), que, num de seus trechos, relata a existência de uma fazenda abandonada, a qual

48. SEVCENKO, Nicolau. “O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 1, p. 110-113, mar./mai. 1989.

49. Nascido em Nice no ano de 1804, veio para o Brasil em 1824. Como segundo desenhista da expedição científica do barão George Heinrich von Langsdorff pelo interior do Brasil, de setembro de 1825 até março de 1829.

50. MOURA, Carlos Francisco. *As artes plásticas em Mato Grosso nos séculos XVIII e XIX*. Cuiabá: Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso/Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT, 1976, p. 26.

pertencera a um coletor e tinha sido abandonada por ocasião da prisão do seu proprietário, o qual fora levado de Santana a Cuiabá em ferros por crime provado de prevaricação e desvio de dinheiros públicos. O aspecto de ruínas é sempre melancólico; estas mais do que outras quaisquer, pois com presteza povoaram-se de fantasmas criados nas narrativas dos tropeiros, que fogem de tal pouso, não só por causas extraordinárias como pelas cobras venenosas que já têm matado aí mais de um imprudente.⁵¹

Há nesse trecho dois aspectos interessantes: o primeiro refere-se à melancolia e aos fantasmas; já o segundo, desqualifica o antigo proprietário e soma o medo de cobras venenosas à sensação de desalento, provocada pelo abandono da fazenda.

Tais aspectos não se percebe na descrição do Palácio de Vila Bela, feita por Severiano da Fonseca.⁵²

Seus salões, primitivamente pintados a óleo, mostram ainda sobre as portadas, nos forros e lambrequins, frescos no estilo de Watteau e Laneret, mais ou menos originais, ora alusivos ao paiz, ora aos governadores. Aqui é uma cachoeira que obstrue a navegação; os índios varam as canoas por terra, alando sobre os rolos e empuxando à força de braços as grandes, e as pequenas levando aos ombros: é uma recordação dos saltos do Madeira. Ali, n'um theatro campesino, pictorescamente decorado de ramadas e flores, representa o scenario, não um auto, apesar de dirigido e contraregrado por missionários, em cujos nédios semblantes lê-se a satisfação de autores, – mas choéas mythologicas, onde as nymphas são formosas caboclas semi-vestidas, e cujas formas, por sua exuberância, parecem estudadas com alguma hyperbole; deixando cogitar ou que o pintor, apaixonado do bello, desenhava segundo suas phantasias, ou então que os reverendos dramaturgos eram de uma sigeleza quasi adamica. N'outros frescos o artista ou copiou paisagens ou entreteve-se em descrever simples recordações do passado: são campos nevados, os gelos da Rússia ou da Scandinavia, com os seus pinheiros e álamos, os trenós, as rhenas, e as louras friorentas embuçadas em arminhos e pellicas. Aqui, são castellos impossiveis sobre alcantis impraticaveis ou de difficilimo accesso; ali, granjas ou herdades do Minho ou de Alemtejo, representadas com alguma natu-

51. Apud SUSSEKIND, Flora. "Palavras loucas, orelhas moucas – os relatos de viagem dos românticos brasileiros". In: *Revista USP*, op. cit., p. 99.

52. Apud MOURA, Carlos Francisco. op. cit., p. 18-20.

ralidade, dando-se o devido desconto à inventiva do artista, aos seus conhecimentos da arte, mórmente em perspectiva – e á pobreza das tintas, onde o vermelho predomina...

Através do trecho acima, pode-se perceber ou imaginar a belíssima pintura do teto do Palácio de Vila Bela e, ao mesmo tempo, a extraordinária descrição de Severiano da Fonseca sobre as mesmas, demonstrando um cuidado nos detalhes. A mesma atenção pode ser vista em algumas das correspondências dos Capitães-Generais e Governadores da Capitania.

Capitães-Generais e Governadores e suas correspondências

As correspondências e relações de viagem dos Capitães-Generais e Governadores, igualmente, trazem descrições importantes da região e das cousas regionais. A título de exemplo, observe a descrição abaixo, feita pelo segundo Capitão-General e Governador da Capitania de Mato Grosso:

(...) E para poder perceber que coisa seja este lago, é necessário primeiro assentar (...), pois nos figuram uma vasta congregação de águas, sem interpelação nem separação alguma. Nada menor é do que isto, porque o lago do Xaraés não consiste em outra coisa mais do que nos vastíssimos pantanais que o rio Paraguai forma por uma e outra margem, desde pouco acima da cidade de Assunção até às vizinhanças de Mato Grosso cujos pantanais se comunicam com os do Taquari, dos Porrudos, e do Cuiabá; cuja multidão de águas, que é imensa (...) Estes pantanais, são uns campos que se cobrem de água. alguns são de todo o tempo, e outros somente pelas águas. A maior parte estão cheios de capim, e uma casta de erva a que chamam aguapé, e em outras se acham também arrozais, e onde o gentio vai colher arroz; até quantidade de árvores se encontram espalhadas por eles. De espaço em espaço há redutos de terra alta com mato, os quais a água não cobre nunca: e também se encontram formosíssimas baías de água limpa (...) Quando estes rios crescem com as águas lhe fica em muita parte deles coberto o seu barranco, porém sempre o mato, que ordinariamente tem, separa a correnteza dos rios, dos seus pantanais, de modo, que nem ainda na maior força delas representa à vista esta multidão de águas, da sorte que se figura pelo Lago Xaraés (...) Estando o pantanal florente tem sucedido desde Taquari, irem sair pelo pantanal perto do porto do Cuiabá (...) Pelas informações que tenho, sei que até a cidade de Assunção, ou perto dela correm por uma, e outra parte os pantanais, pouco mais, ou

menos, como os que eu vi, e como isto faz uma tão grande extensão por isso assento, como já disse, que estes pantanais, é verdadeiramente o lago do Xaraés...⁵³

Rolim de Moura, em sua descrição, deixa transparecer a exuberância do Pantanal. O quadro montado por ele é, sem dúvida, de uma beleza sem igual. A mesma que se vê no escrito de Severiano da Fonseca, quando este descreveu as pinturas do Palácio de Vila Bela, e, igualmente, nos textos dos cronistas, viajantes e cientistas. Há neles, sem dúvida alguma, o seguinte convite: revistar espaços não vivenciados, promovendo a possibilidade de perceber como se deu a constituição do cenário físico, geográfico, político-sócio-econômico e histórico de Mato Grosso, o que garante a importância da produção literária regional.

Características da produção literária regional

A produção literária de Mato Grosso, nos séculos XVIII e XIX, era essencialmente narrativa. A título de exemplo, eis um trecho de "Relações da Povoações do Cuiabá e Mato Grosso e seus Princípios the os Presentes Tempos", de Joseph Barbosa de Sá:

No mês de outubro, fez Miguel Sutil viagem para uma roça que tinha principiado na borda do Cuyabá (...) chegado, plantou o seu roçado e mandou dois carijó ao mel (...) Chegaram ao rancho alta noite, sem mel (...) O mais ladino (...) meteu a mão no seio de um jaleco de baeta que tinha vestido (...) Tirou um embrulho de folhas e entregou ao amo que abrindo-o achou vinte e três granetes de ouro que pesaram 120 oitavas, dizendo o carijó que achara muito daquilo.

Sutil, o camarada e mais comitiva de escravos com os descobridores por guias estavam postos a caminho, seguindo-lhes os passos como por ele, chegaram ao lugar onde se acha esta vila do Cuiabá, que era coberto de mato serrado, com grandiosos arvoredos, e no lugar chamado hoje Tanque do Ernesto e tomando com a Capela de Nossa Senhora do Rosário, que era campestre, mostrou o índio o seu invento, onde logo foram vendo ouro sobre a terra e apanhando às mãos. Recolhendo-se à tarde aos seus ranchos o Sutil com meia arroba de ouro e o camarada João Francisco com seiscentas e tantas oitavas. Era tudo ouro cravado em seixos.

53. Correspondência de Dom Antônio Rolim de Moura enviada a Dom Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 14 de fevereiro de 1755. In: Correspondências de Rolim de Moura. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1983, p. 76-79. Coleção Documentos Ibéricos - série: Capitães-Generais, 3.

No dia seguinte, botaram-se para o Arraial do Coxipó e fizeram público o descoberto ao que se seguiu desejarem todos e mudaram-se para este sítio a que chamaram lavras do Sutil...⁵⁴

Barbosa de Sá, na verdade, transplantou para Mato Grosso o estilo simples e narrativo, maculado por laivos de gongorismo, então dominante nas letras portuguesas.

Este estilo encontra-se também nos escritos de Felipe José Nogueira Coelho, Padre João A. Cabral Camelo, Padre José Manuel de Siqueira, Francisco José Lacerda e Almeida, Ricardo Franco de Almeida Serra, Alexandre Rodrigues Ferreira, Luiz d'Alincourt, Augusto Leverger, Joaquim Ferreira Moutinho e outros. No seu "Compêndio Histórico Cronológico das Notícias de Cuyabá", Joaquim da Costa Siqueira (1740-1821) escreveu:

(...) na tarde do dia 6, estando o povo junto na dita praça, pelas quatro horas entrou por ela aquela esperada embarcação armada em guerra com todos os preparativos próprios, cuja entrada lhe foi disputada pela fortaleza, disparando-lhe muitos tiros de peça (...) se deu a fortaleza por vencida...⁵⁵

Além disso, ainda se imitou a prática portuguesa de render homenagens aos mandões da terra. O poeta José Zeferin Monteiro de Mendonça, por exemplo, ofereceu o seguinte soneto ao Ouvidor Diogo de L. Ordonhês:⁵⁶

Vosso nome será sempre lembrado
Enquanto em Cuiabá houver viventes
Passando de umas gentes a outras gentes
A fama do varão o mais honrado.

No foro tendes vós perpetrado
Instruções sábias, justas e prudentes;
e nos pleitos deixais todos contentes
pois sabem que só a bem sois inclinado.

54. SÁ, José Barbosa de. *Relações das povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. op. cit., p. 36.

55. SIQUEIRA, Joaquim da Costa. "Compêndio histórico cronológico das notícias de Cuiabá, repartição da Capitania de Mato Grosso, desde o princípio do ano de 1778 até o fim do ano de 1817". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, p. 66, 1 trim. 1850.

56. Apud MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. Cuiabá: s. e. 1970, p. 11, 12.

Os que de letra têm conhecimento?
sem faltar à vontade bem dirão
que deixais aos vindouros documentos;

Os mais todos, Senhor, confessam
que a Justiça encontrou em vós assento
e as ciências acharam o seu Platão.

Em suas *Crônicas de Cuyabá*, Barbosa de Sá, igualmente, prestou homenagens a Pascoal Moreira Cabral, demonstrando fidelidade de vassalo ao senhor das minas do Cuiabá:

Até este tempo não houve mais justiça nestas minas que o guarda-mór Pascoal Moreira Cabral, que as administrou na forma do assinado que lhe fizeram e já fica copiado. Repartia as lavras, acomodava as contendas que por elas havia, fazia pagar dívidas, julgava as contendas e demandas que se moviam, tudo verbalmente, sem que houvesse forma alguma de processo, com tanta prudência, acordo e agrado das partes, que todos ficavam obrigados, tanto vencedores como vencidos. Era paulista dos bons, homem chão, sem letras, pouco polido, de agudo entendimento, sem maldade, sincero, criativo por extremo, servia e remediava a todos com o que tinha e no que pedia, esperto, na medida dos sertões e no exercício de minerar pelo ter já exercido nas Minas Gerais, valoroso e constante no trabalho, faleceu nesta vila e jaz sepultado na igreja matriz dela e deixou um filho do mesmo nome, que depois da morte do pai veio a estas minas e voltou para o povoado...⁵⁷

Enquanto a literatura dos grandes centros do País ingressava no romantismo (com "Suspiros Poéticos e Saudades" de Gonçalves de Magalhães, em 1836), Mato Grosso ainda se delirava na onda ufanista de autores como Ricardo Franco e Caetano Manoel de F. Albuquerque (1857-1925). É deste último o trecho abaixo, sobre as riquezas da região:

Seria quase uma fábula a riqueza de Mato Grosso se não pudesse apontar os sítios em que nos séculos XVII e XVIII se descobriram as opulentas minas de ouro e diamantes. Basta lembrar as descobertas de Miguel Sutil e essa quase lenda dos Martírios, descoberta por Bartolomeu Bueno, o Anhanguera; as de Araés. Descobertas em 1670 por Manoel Corrêa; assim também as afamadas minas que deram lugar aos arraiais

57. MENDONÇA, Rubens de. op. cit., p. 9.

de São Francisco Xavier, de Sant'ana, Ouro Fino, Boa Vista e São Vicente, nas imediações da antiga Vila Bela e destruído, este, em 1877, pelos cabixia. Os terrenos auríferos do Alto paraguai do Diamantino, do Borisal, do Tombador e Coxim, são também, geralmente, conhecidos. O rio Coxim, o Diamantino, o Ourto e muitos outros cursos d' água, rolam o diamante de envolta com suas areias auríferas. Toda a cordilheira que borda a margem direita do Paraguai, assim como as do Arinos, é riquíssima em minérios de ferro. A cor vermelha do morro de S. Jeronimo é devido à existência desse mineral que ainda é abundante nas terras de Jacadigo, Urucum, Piraputangas e Albuquerque, onde, também, existe abundantemente o manganês, em via de proveitosa exploração. O cobre foi descoberto na margem direita do Jauru, e a prata, a platina, o manganês e paladium existem em muitos pontos do Estado. O sal-gema é comum (...) No reino vegetal, a baunilha, a ipecacuanha, a jalapa, a caroba, o jaborandi, a salsaparrilha, a copaíba, a quina (...), a erva mate, a sinfonia elástica e madeiras de construção (...) O fumo e o café produzem magnificamente, e a cana de açúcar faz verdadeiros prodígios, de modo que, sem exagero, pode-se dizer que Mato Grosso é em riquezas naturais o primeiro Estado da união, falta só que o esforço do homem saiba aproveitá-las para que diante dele abra-se futuro sem igual.⁵⁸

O romantismo só foi adotado, no Estado, na segunda metade do século XIX. Muitos foram os autores românticos, dentre os quais encontram-se: Antônio Augusto Ramiro de Carvalho (1833-1891), Antônio Tolentino de Almeida (1876-1939), Amarílio Novis (1888-1963), Cesário Corrêa da Silva Prado (1891-1969), Fábio Monteiro de Lima (1883-1946), Francisco Bianca Filho (1901-1947), Filogônio de Paula Corrêa (1886-1976), Isaac Póvoas (1886-1970), José Tomás de Almeida Serra (1866-1889), João Barbosa de Farias (1878-1941), Manuel Ribeiro dos Santos Tocantins (1852-1927), Manoel Espiridião da Costa Marques (1859-1906), Nilo Póvoas (1892-1968), Olegário M. de Barros (1890-1969), Pedro Trouy (1872-1926), Padre Armindo Maria de Oliveira (1882-1918), Padre Ernesto Camilo Barreto (1828-1896), Virgílio A. Corrêa Filho (1887-1979).

O romantismo só foi adotado, no Estado, na segunda metade do século XIX, com a poesia intitulada "Milagre", de Antônio Cláudio Soito (1822-1889):⁵⁹

58. Apud MENDONÇA, Rubens de. op. cit., p. 49, 51.

59. MENDONÇA, Rubens de. op. cit., p. 45.

Quando, Senhora, vos envio, ou dou-vos
Tão escuro presente (uma carta de carvão),
Que idéia tive eu, que pensamento
Me atravessou a mente?
Do vegetal combusto oferecer-vos
Pulverulenta Quarta!...
Mas deixai-me falar, e, após, Senhora,
Ride até ficar farta.
D'água do mar enjoativa, amarga,
Extrai o sol a chuva tão querida;
Em seu laboratório a terra muda
O vil adubo em condição de vida!
A arte humana, sombra da divina,
Também transforma escória num tesouro,
E vós, que a possuís em alta escala,
Podeis mudar esse carvão em ouro.

Mas, ao contrário do europeu, o romantismo mato-grossense não foi um movimento de contestação à burguesia. Fora, isto sim, regionalista e vivido em clima de confiança no futuro. A propósito, eis um trecho do escrito de João Severiano da Fonseca, em homenagem a Vila Bela:

Tempo virá, longe mui longe talvez, quando já não exista senão o renome dessa cidade injustamente desacreditada, quanto o homem do solo, desse solo ubérrimo e de tão fácil conquista para a prosperidade e desenvolvimento do País; quando agregue a população e com ela surge o comércio, a agricultura e a indústria; e quando o grande formosíssimo Guaporé, franco das cabeceiras à região encachoeirada do Mamorém entronque a sua fácil navegação à via férrea do Madeira; e que o povo vigoroso e cheio de ânimo, dispondo de mais força, e a vitalidade para remover os óbices ao seu adiantamento; a cidade de Mato Grosso, o verdadeiro coração da América meridional, vivificada por essas duas artérias sem rivais no mundo, o rei dos rios, o rio mar e o Prata, ligados entre si por uma facilíssima estrada de ferro de vinte e poucas léguas, dela ao Jauru, – será o centro da vida dessas regiões, tão preñes de riqueza nos três reinos naturais, quão de misérias atualmente.⁶⁰

60. Apud MENDONÇA, Rubens de. op. cit., p. 52.

Regionalista, sem, contudo, exaltar o homem do campo e utilizar-se do índio como fator de identificação regional (assim, a exuberância da natureza mato-grossense ficou quase prejudicada, quase ausente do romantismo local). Ao contrário, o romantismo contrapôs o amor do índio à terra invadida e a sua falta de organização. A título de exemplo, eis um trecho dos escritos de Augusto Leverger (1802-1880):

(...) Os índios moradores das aldeias da vizinhança, depois da evacuação da nossa tropa e antes da entrada dos paraguaios, apoderaram-se de porção de armamento que existia nos armazéns militares, e com ele hostilizaram o inimigo, mas este não tardou a dominar essa resistência que não era de esperar fosse eficaz, atendendo à inferioridade do número dos mesmos índios e à sua falta de disciplina...⁶¹

Com Tertuliano Amarilha (1924- ?), o romantismo mergulhou num individualismo misantrópico, boêmio e doentio. Eis uma poesia deste autor:⁶²

Se eu fosse um passarinho:
Ah! Se eu fosse um passarinho,
construiria nosso ninho
com cuidado e com primor,
Entre os ramos da mangueira,
Onde a brisa, em voz fagueira,
ao luar segreda amor!...

Os românticos mato-grossenses viviam em clima de um entusiasmo quase ingênuo. Antônio Gonçalves de Carvalho (1844-1902), em "Flor de Neve",⁶³ deixa evidente esta característica:

Se a neve fosse planta e flor tivesse,
Tu serias da neve a flor, gerada
Da fria viração tênue sopro
à luz de Lua, aos beijos duma fada.

Se a neve fosse planta e flor tivesse,
Tu serias da neve a flor mais bela
Que brilhando na etérea imensidade –

61. LEVERGER, Augusto. *Apontamentos cronológicos da província de Mato Grosso*. Cuiabá: s. e. 1926, p. 45.

62. Apud MENDONÇA, Rubens de. op. cit., p. 56.

63. *Ibidem*, p. 55.

Fanal de amor, – adamantina estrela.
Se a neve fosse planta e flor tivesse,
Tu serias da neve a flor tão pura!
Ah! Teriam em ti achado os homens
O símbolo da mais cândida ventura!
Se a neve fosse planta e flor tivesse,
Tu serias da neve a flor bendita...
Causarias ciúmes aos próprios lírios
Que dos jardins do céu a brisa agita.

Se a neve fosse planta e flor tivesse,
Tu serias da neve a flor querida,
No meio dos invernos – primavera,
Sobre o gelado chão – ardor da vida!

Melhor que a flor da neve, és tu, formosa,
Alvo anjinho do céu baixado ao mundo
Para servir do tipo de beleza
E os peitos receber de amor profundo.

Já com Amâncio Pulquirio (1846-1881), apresentou-se com uma nota de ingênua simplicidade no sentimento lírico. Em "*Outrora e Hoje*",⁶⁴ ele escreveu:

Meu Deus, que gelo, que frieza aquela,
Que indiferença nos olhares seus!
Vejo outra nuvem no horizonte de hoje,
Negra coberta nos azuis dos céus!

Tivera flores meu jardim de outrora,
Tivera rosas de perfume eterno,
Mas hoje as flores sem aroma, secas,
Parecem flores de jardim de inverno.

A primavera de meus dias, linda,
Sorria leda para o céu de anil,
E o céu faceiro desdobrando – os mantos,
Já teve as galas nas manhãs de Abril.

Hoje os cantos que tivera outrora
São tristes cr'oaes de cruéis martírios
Fora ditoso, já gozara crente
Vivo perfume dos meus alvos lírios!

64. Apud MENDONÇA, Rubens de. op. cit., p. 217.

Sonhara encantos, deleitosos dias,
Mago castelo de ouropel sonhado;
Feliz eu fora – mas o manto espesso
Cobria a tela desse meu passado.

O romantismo local, por outro lado, procurou denunciar o que havia de pernicioso na administração pública. É isso que se pode notar na poesia de Frederico Augusto Prado de Oliveira (1874-1911), o Zé Capilé, quando governava Mato Grosso o Coronel Antônio Paes de Barros (Totó Paes):

Uma coisa mi bule nispinha
I mi dá um tremô na pacuêra;
É num vê meus patrícios ninhm
Qui mereça justiça – divéra!
Só si vê a canâia di báxo,
Pau rodado Qui aqui incaião,
Priquitada im redó do governo
A xupá tudo nosso suô.⁶⁵

Contudo, essa posição não teve êxito algum, pois se tratava de posturas individualistas e evasionistas. A maioria dos autores estava presa aos mitos e ideais do romantismo: “amor-fatalidade”, “mulher-anjo”, “cândida ventura”, flor bendita”, “moura feiticeira”. Portanto, a descrição dos fatos sociais ocorridos em Mato Grosso era idealizada e distorcida.

Enquanto isso, o realismo invadia os grandes centros e seduzia a sua intelectualidade (no final do século XIX). Esse gênero literário, ao contrário do romantismo, caracterizava-se pela narração dos conflitos sociais e psicológicos existentes na população brasileira. Tomava-se consciência, então, dos problemas sociais que afligiam o brasileiro. A literatura retratava a sociedade fielmente e com profundidade.

Quando a arte literária mato-grossense rompera com o romantismo, a do Centro-Sul já havia ingressado no naturalismo.

Os autores ligados ao gênero naturalista procuravam descrever os fatos de forma “científica”. O comportamento dos personagens era analisado como uma pesquisa de laboratório. Consideravam-se, por exemplo, os atos dos indivíduos como resultados da hereditariedade e do ambiente. Esta característica também esteve presente nas obras de mato-grossenses, como em “*Os primeiros bacharéis mato-grossenses*” de José de Mesquita:

65. Apud MENDONÇA, Rubens de. op. cit., p. 38.

(...) o que se distinguia no território da Capitania de Mato Grosso era uma confusa amalgama de elementos díspares e instáveis, um conglomerado de sertanistas aventureiros, em guerra aberta com as hostilidades da natureza e com os primévos dominadores da terra, e de cujo agitado viver transparece, não raro, um episódio de luta ou uma sena angustiada de miséria, pontilhados de heroísmo, através das pinturescas narrativas barbosianas.

Homens afeitos ao rude trato com os ásperos elementos da natureza, exuberante e portentosa, cresciam-lhes os filhos na mesma escola, menos fadada a desenvolver espíritos cultos do que a criar fortes espécimens de rijos conquistadores do sertão.

A inflexibilidade do elemento dirigente-capitães-generais, ouvidores, juizes de fora, intendentes e provedores da real fazenda e membros da milícia – não era de molde a permitir maiores surtos mentais, num acanhado e incipiente, cujas maiores preocupações eram, salvante o ouro e o gentio, as questiunculas do fisco e as desavenças constantes entre autoridades civis ou eclesiásticas...⁶⁶

O naturalismo de Mato Grosso caracterizava-se pela fidelidade ao meio descrito, com toques de simplicidade humana e uma mescla de espírito poético, e a busca constante da compreensão dos valores do homem afastado dos grandes centros. O maior dos naturalistas locais, Dom Aquino Corrêa (1885-1956), deixou evidente estas características do naturalismo regional, quando descreveu o ambiente local:

Cai sobre o pantanal a grande sombra do crepúsculo. Desmaia o sorriso pálido das ninféias flutuantes. Desaparecem, a pouco e pouco, as alimárias selvagens. Levas e levadas de pássaros aquáticos voejam em todos os quadrantes, rumo aos ninhos, enchendo os céus de uma sensação de imensa nostalgia, ao passado, a não sei onde. Recostado pensativamente no tombadilho, o navegante segue, em funda contemplação, o caminho aéreo das pênaltas silenciosas. De repente, surge, aos pares, o bando arisco dos coelheiros, que passado o dia a pescar, descrevendo semicírculos na água com a espátula dos bicos, revoam agora para as alcândoras solitárias, em meio ao pantanal deserto. E eis que na ondulação rítmica do vôo, a linda plumagem rosicler se lhes ilumina aos últimos raios do sol, irradiando em torno, pela atmosfera plúmbea, num delicioso contraste, os seus reflexos lípidos de rosa e de alegria.⁶⁷

66. MESQUITA, José. *Gente e coisas de antanho*. Cuiabá: Prefeitura Municipal de Cuiabá/Secretaria Municipal de educação e Cultura/ Departamento de Cultura e Turismo, 1978, p. 38. *Cadernos Cuiabanos*, Secção História, 2.

Além de Dom Aquino, Mato Grosso contou com outros naturalistas, tais como Estevão de Mendonça (1869-1949), Firmo José Rodrigues (1871-1944), Virgílio Corrêa Filho (1887-1979), Nilo Póvoas (1891-1967), Filogônio de Paula Corrêa (1885-1976).

Paralelamente ao movimento naturalista, desenvolveu-se o parnasianismo. Este, baseando-se num estrito culto à forma que facilmente se transforma num formalismo estéril, foi uma corrente poética e estética que cultivou a métrica perfeita e o tratamento da palavra submetida a cuidadosa ourivesaria.

Muitos autores fizeram parte dessa tendência, tais como Rosário Congro (1884-1957), João Nunes da Cunha (1885-1953), João Briene de Camargo (1885-1946), Maria de Arruda Müller (1898-), Luiz Terêncio de Figueiredo (1889-1947), Ulysses Cuiabano (1891-1951), José de Mesquita (1892-1961), Rubens de Castro (1915- 1999), Rubens de Mendonça (1915-1977), Dom Aquino Corrêa e Otávio Cunha Cavalcanti (1884-1958), que deixaram grande produção literária, publicada pelos jornais e revistas locais. É deste último a poesia intitulada "*Duas Almas*":⁶⁸

Sei que ela foi meu primeiro encanto
sei bem que eu fui o seu primeiro afeto...
nos verdes olhos seus, limpos de pranto,
a esperança sonhava em sono quieto,

Deus a levou para o seu reino, enquanto
eu fiquei só – sem meu ideal dileto...
molhe seu rosto frio com o meu pranto,
sofri por não ter mais seu puro afeto!

Na terra foi dormir seu corpo etéreo,
mas duas almas tinham nele abrigo
sob as asas luzentes de um mistério...
Almas, que trazem perfumados véus!
– Uma saudade que ficou comigo...
– Um lírio branco que foi para os céus!

Nota-se, na arte parnasiana, perfeição e elegância da forma e cadência harmônica dos versos.

67. CORRÊA, Francisco de Aquino. *Discursos*. Rio de Janeiro: Dep. de Imprensa Nacional, 1945, v. 2, p. 57.

68. Apud PÓVOAS, Lenine C. op. Cit., p. 79.

O simbolismo, igualmente, cultivou o efeito estético e a beleza dos versos, encontrados nas poesias parnasianas, que, todavia, não aceitaram o vazio do formalismo parnasiano. Ele criou uma atmosfera de magia e sensações vagas, difusas, onde os contornos se tornam diluídos, imprecisos e os seres e objetos perdem a materialidade. Mas o verso ganhou notável poder sugestivo. Isso pode ser verificado, por exemplo, em a "Lenda Bororo",⁶⁹ de Pedro de Medeiros (1881-1947), descrevendo a cidade de Corumbá:

Deus atirou um punhado de estrelas...
Uma chegou à terra. Outras tardam ainda.
A que desceu, por certo a mais luzente delas,
Veio e se transformou numa cidade linda!

Desceu, porque do alto o Paraguai parece
neste ponto uma jóia: escreve em prata um S
que a estrela imaginária um prendedor ideal
Ligando à serra a imenso pantanal.

E como a muita estrela o céu azul não baste,
caiu, como um brilhante, à procura do engaste!
E Corumbá surgiu, por sobre a terra branca,
Na alegria sem par do gentil casario,
Entre o verde dos montes, – no alto da barranca,
Debruçada a sorrir para o espelho do rio...

Enquanto Mato Grosso se deliciava com o simbolismo e o parnasianismo, os grandes centros do País, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro, viviam em ritmo de transformação artística, fruto das mudanças que vinham ocorrendo desde o final do século XIX.

A industrialização, a imigração e a concentração popular nas cidades obrigaram os artistas e intelectuais a tomarem consciência da necessidade de uma arte mais adequada aos problemas sócio-econômicos do Brasil. A Semana da Arte Moderna, em 1922, realizada em São Paulo, foi apenas um dos resultados deste movimento, que advogava mudanças e renovação das artes brasileiras. Tendências artísticas do tipo simbolista ou parnasiano, consideradas ultrapassadas e arcaicas, foram fortemente combatidas pelos chamados modernistas.

69. Apud PÓVOAS, Lenine C. op. cit., p. 83.

O movimento modernista, ao contrário do parnasianismo, pregou a construção de versos soltos, livres da riqueza dos metrificados. Mas este só começou a ser difundido, no Estado, a partir de 1939.

Os articuladores do modernismo foram denominados de pré-modernistas, entre os quais se encontravam: Rubens de Mendonça (1915-1983), Gervásio Leite (1916-1990), Euclides Mota (1917-1968), Manoel Cavalcanti (1905-1966), Clodoaldo D'Alincourt (1906-1957), Lobivar Mattos (1914-1947), Jari Gomes (1913-1996), João Alígio Serra (1914-1934), João Hamilton R. de Mattos (1898-1941), Padre Wanir Delfino Cesar (1922-1972) e Carlos Vandoni de Barros (1903-1987). É deste último a poesia "O Cururu",⁷⁰ que diz:

Fervilha o cururu no rancho de acurú,
À luz de vela de garganta e de pavio,
Enquanto se desfazem em prantos por ali
Viola de ximbuva e tripas de bugio.

É assim que o violeiro geme no bordão,
Fazendo soluçar a música brejeira,
As morenas bonitas que dançando estão,
Acompanham cantando o coro a noite inteira:

Maré encheu,
Maré vasou,
O cabelo da morena,
Foi Batista que cortou.
Eu não tenho medo da onça,
Nem da pinta que ela tem;
Tenho medo da morena,
Quando chega a querer bem...

E o cantador destemido,
Já meio aqui, meio ali,
Solta o verso que é aplaudido,
Sorrindo cheio de si;
'Lá na mata do Fuzí

70. Apud MENDONÇA, Rubens de. op. cit., p. 138.

João Caetano me falô,
Que as muê do Taquarí,
Co'a vida dele acabô',

E na manhã seguinte quando o galo canta,
E a madrugada, pouco a pouco, já se vê,
A voz da morenada alegre se levanta,
Tristonha a soluçar: não deixa amanhecê!

Iniciava-se, então, a produção modernista no Estado. No mesmo instante em que eram erguidas, na Capital mato-grossense, as chamadas "obras oficiais" (Palácio da Justiça, Secretaria Geral, Centro de Saúde, Grande Hotel, Cine Teatro Cuiabá, Estação de Tratamento d'Água, ponte sobre o rio Cuiabá, Residência Oficial dos Governadores, etc.), anunciando um novo surto desenvolvimentista.

Mas as velhas estruturas teimavam-se em continuar existindo. E isso, por outro lado, colocou o Estado e o seu povo diante de muitas incertezas, retratadas brilhantemente por Rubens de Mendonça em *Cascalhos de Ilusão*:⁷¹

Garimpeiro a sonhar riquezas fabulosas,
Eú parti a cantar uma alegre canção...
Se às vezes encontrar pedras maravilhosas,
Muitas vezes sofri atroz desilusão!

E, louco, e desvairado, as pedras preciosas
Buscando examinar a sua perfeição...
Não encontrei sequer entre as mais suntuosas
Uma, a satisfazer, minha ardente ambição...

E eu assim, a lutar, busco o verso perfeito,
o diamante sem jaça, a pedra sem defeito,
carbonado gentil da minha aspiração!

Mas só pude encontrar nos versos que componho
– Filhos de minha terra/ dos "garimpos do meu sonho"
– Onde só pode haver Cascalhos de Ilusão.

Os "cascalhos de ilusão", tal como a um véu, encobriam o verdadeiro retrato do Estado, que, por conta do surto de desenvolvimento das décadas de 40 e 60, perdia sua histórica paisagem arquitetônica. Esse "moder-

71. MENDONÇA, Rubens de. *Cascalhos de ilusão*. Cuiabá: Escola Industrial de Cuiabá, 1944, p. 45.

nismo” da Capital também atingiu as tradições e as cousas do cuiabano. Fato, porém, ignorado pela imensa maioria dos prosadores e poetas da terra. Eles, ao contrário de denunciarem a perda do sentido histórico, enalteciam os denominados “vultos” e “personalidades da história de Mato Grosso” – resgatando a prática antiga de render-se homenagens aos mandões locais – ou enalteciam o falso progresso. A propósito, Carmindo de Campos deixa isso muito claro em “Cuiabá”:⁷²

Cuiabá, minha velha e lendária cidade,
Você está remoçando...
Está ficando mais bonita...
Está ficando mais, cada vez mais catita!...
Se o Pascoal Moreira Cabral visse você agora,
Garanto! Não iria mais embora.
Nem Pires de Campos e nem outro bandeirante,
Porque você, minha velha, está fascinante!
Você bem que merece a liderança
Desse velho e valente Mato Grosso!
Você tem um quê que prende a gente,
Você, minha velha, é um colosso!

Tudo em você, tudo, rescende a Brasil!
Seus morros, seu rio piscoso, seu céu de anil!...
Seu rio é seu pai, e igual não há;
Foi ele que lhe deu esse nome poético: Cuiabá!

Oh! Minha cidade linda, não sei porquê,
Quando longe, sinto imensas saudades de você.
Sinto saudade do pacu, do bagre, da piraputanga,
Do licor de piqui, do doce de cajú e da manga!

Sinto saudades desse calor sadio,
Que às vezes é melhor, muito melhor que o frio.
Oh! Minha cidade linda, igual não há;
Oh! Minha velha e idolatrada Cuiabá!

Casavam-se, desse modo, ufanismo e saudosismo. Deste casamento, nasceu a insensibilidade à triste situação da maioria da população cuiabana e interiorana que, conforme um dito popular, *comia o pão que o diabo amassou*; ao crescimento dos problemas sociais, que intensificam a violência e geram a prostituição, ao menor delinqüente e à miséria nas resi-

72. Apud PÓVOAS, Lenine C. op. cit., p. 91.

dências instaladas no cordão periférico urbano; e à inversão de valores no seio da sociedade, no qual sobrepõem-se a corrupção, a discriminação e a omissão dos poderes constituídos frente às necessidades básicas da maioria dos habitantes, traduzidas em saúde, segurança, educação escolarizada e garantia à liberdade e à sobrevivência humanas.

“Prá que se importar” – diriam alguns – com o (“no”) *escafandro da vida*.⁷³ O fundamental é *está em silêncio o jardim de Academus*,⁷⁴ *desfrutando-se de o incontido desejo de ser isento, de ser eu mesmo: tranqüilo, plácido, vago, tênue e ausente (...) na doce serenidade do desencanto*;⁷⁵ *ou pedir que me levem as horas postiças, o ouro, o brasão, o solar (...) Compensando as injustiças*.⁷⁶ Afinal, tem-se – no dizer de Corsíndio Monteiro – a maior riqueza da vida: a liberdade de ser pobre, de ser triste e de padecer minhas dores.⁷⁷

Dores que eram suavizadas quando se olhava a figura da mulher amada, pois esta, diz Gervásio Leite (1916-1990):⁷⁸

Trazes na glória do teu corpo jovem um poema divino.
És na graça diabólica de tua mocidade,
Um feixe de luz na escuridão do mundo.
A natureza escondeu mistérios nos teus olhos,
Sob tua pele rosada e nesses lábios que prometem revelações sutis.
És um poema de carne! És um poema de graça! És um hino de beleza!
Deus sintetizou em ti, mulher, toda a beleza dispersa do universo!
O brilho dos teus olhos lembra diamantes esplêndidos fúlgidos de coroas reais.
Os teus lábios vermelhos viveram milênios no fundo do mar num ramo de coral;
Roubaste um pedaço da noite negra e profunda e idealizaste esse penteado fascinante;
Apanhaste o ondular feminino da serpente no fundo das selvas;
Longamente escolheste as pérolas que fulguram na tua boca;
Furtaste sedução e graça de sereias e fadas
E conquistaste misteriosamente esses pequeninos nadas que enfeitam teu corpo.
Todos os animais da terra,

73. Referência feita a um dos livros de poesias de Rubens de Mendonça, publicado em 1946.

74. Título de um dos livros de poesias de Corsíndio Monteiro da Silva (1918-?).

75. Poesia de Corsíndio Monteiro, *Incontido Desejo*, do livro *Caminhemos*, publicado em 1958.

76. Trecho da poesia de Gabriel Vandoni de Barros, intitulada *Injustiças*.

77. Trecho da poesia de Corsíndio Monteiro, intitulada *Incontido Desejo*.

78. Apud MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. Op. cit., p. 199.

todas as flores do mundo,
todas as pedras do sub-solo
Concorreram para que fostes criada, mulher maravilhosa!
E Deus te mandou à terra para enganar os homens
com os segredos indecifráveis do teu corpo.

O pranto que às vezes nasce, pondera Newton Alfredo de Aguiar (1923-1987),⁷⁹ *desse teu rosto bonito é a prova de que me adoras com grandezas de infinito*. Seu corpo é beleza, canção e fonte de sedução, pois, de acordo com Ronaldo de Castro (1941-2001), a:

Mulher austera, esposa rigorosa,
vive a fingir ignorância crassa
dos encantos que tem... e passa, airosa,
alheia ao erotismo que repassa.
Mas todos, do estudante ao cão vadio,
Se eletrizam de chofre, entram no cio
Quando ela com seu charme a praça inunda...

Porque a vizinha austera, o porte ativo,
quando surge na rua, o andar lascivo,
não anda para si – conduz a bunda

(...) Em verdade os bumbuns, magros ou plenos,
são detalhes do todo corporal.
Sejam grandes bumbuns, sejam pequenos,
não passam de atributo natural...⁸⁰

Enquanto todos, ou quase todos os poetas e prosadores da terra se mostravam presos aos mitos e ideais do “amor” entre um homem e uma mulher, pois *sem amor, tudo é nada*,⁸¹ os traços arquitetônicos da velha urbe se desfaziam, desapareciam. Os arcabouços de concreto armado, agora, os substituem. Os velhos casarões e os grandes largos passaram a ser, então, *Pérolas Esparsas*⁸² e distantes. Talvez, por isso, vê-se *outra nuvem no horizonte de hoje, negra coberta nos azuis dos céus*.⁸³ *É quase noite*

79. Foi considerado um dos grandes trovadores do Estado, publicando, entre outros: “Sonata ao Luar” (peça teatral), em 1947; “Misótis” (quadras), em 1968 (CF. MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. Op. cit., p. 214; PÓVOAS, Lenine C. op. cit., p. 94).

80. CASTRO, Ronaldo. “As bundas”. *Diário Oficial de Mato Grosso*, Cuiabá, 30 nov. 1995, Suplemento de Cultura, p. 8.

81. Referência a trechos da poesia de Francisco Rodrigues de Melo.

82. Menção a um dos livros de Carmindo de Campos.

83. Trecho da poesia de Amancio P. de França.

(...) *Está deserta a praça*.⁸⁴ Não se tem mais músicas no coreto da Praça Alencastro, tampouco *história de mentira, histórias do Eldorado, do lenhador, de João e Maria*, que, *naquele tempo*, as avós contavam à criança-da, *enquanto esta, nos seus colos alvíssimos, encostada, aos poucos adormecia*.⁸⁵ Tudo passou, tal como *o pensamento. Leve, sutil, impalpável, e se perdeu com o vento*.⁸⁶

Esvaíram-se aqueles tempos de outrora. Hoje não é mais o ontem. Mudaram-se os hábitos. *Os jovens da terra mal sabem os nomes das tribos que viveram em Mato Grosso – e ainda vivem (...), mal conhecem o Siriri, o Cururu, Dança de Congos, Dança do São Gonçalo, etc. (...), mal conhecem o mundo encantado das lendas e causos mato-grossenses*.⁸⁷ Tudo virou *histórias do velho Mato Grosso*⁸⁸ e *a arquitetura do homem*⁸⁹ e da mulher cuiabanos e mato-grossenses transformou *Desovas em Trovas*,⁹⁰ enquanto o Estado, *dos nascedouros, distribui as águas, que brotam sem parar*.⁹¹ Contudo, *o esgoto é a sepultura das águas*.⁹² O que vem dificultando a sobrevivência dos peixes. A propósito, eis o Peixe Final,⁹³ de Vera Randazzo (1927- ?):

Ouvis meu lamento
do fundo das águas
de todos os rios,
das muitas baías,
do Grão-Pantanal,
dos córregos fundos
das grandes nascentes
no norte e no sul.

84. Trecho de "No Tempo da Colônia", de Agrícola Paes de Barros (1897-1969), descrição da Cuiabá de outrora.

85. Trecho do soneto de Agenor Ferreira Leão (1922 - 1983), intitulado "História de Mentira".

86. Trecho de uma das poesias de Amália Verlangière (1930 - ?), intitulada "Pensamento".

87. ALVES, Lourembergue. *O rádio no tempo da radionovela*. Cuiabá: EdUFMT, 2000, p. 57.

88. Menção a obra de João Alberto Novis G. Monteiro, publicada em 1996

89. Livro de poesias de Carlos Gomes de Carvalho, lançado em 1980.

90. Livro de versos do Padre Antônio Rodrigues Pimentel, publicado em 1981.

91. CASTRO, Rubens. "Mato Grosso". *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso*. Cuiabá, 17 ago. 1995, Suplemento Cultura, p. 8.

92. Idem. "A água". *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 28 dez. 1995, Suplemento Cultura, p. 8.

93. PÓVOAS, Lenine C. "Discurso proferido na solene sessão de posse da acadêmica Vera Randazzo". In: *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. Cuiabá, p. 44-46, 1985.

Eu choro nos dias
De ouro que correm
No tempo da seca,
Na sombra florida
De ipês debruçados
Em praias macias;
Não vejo as cores
Dos meus tarumeiros,
Não sinto o perfume
Do alto Aricá.

Eu passo chorando
Não vejo a beleza
Da areia na seca!

Eu choro de noite
É quebro a quietude
Da prata que corre.
Em vão eu espero

O tempo das águas
Barrentas, lambendo
As altas barrancas,

As águas que levam
Os troncos perdidos,

Canoas sem donos,
Pedaços de ranchos

De roças passadas,
Não vem a lufada,

Não vem a lufada
Eu passo chorando

por velhas cidades
e antigos garimpos,

por baixo das pontes,
pelos seringais

e tantas fazendas
de gado e café...

e vou para o fim.

Eu sou o lamento
que bate no nada!

Eu sou o peixe final.

Enquanto isso, e não poderia ser diferente, caminha a literatura local. Segue-se em frente, movimentada por um grupo de homens e mulheres – muitos dos quais, anônimos, à margem da batuta oficial ou da representação da Academia. Por essa razão, ela (a literatura) vem, pouco a pouco, desvencilhando-se dos laços que a prendem aos mitos ufanistas, dos heróis e dos mandões da terra. Segue rumo, agora, ao movimento pós-modernista, no qual seus versos e prosas dizem coisas inseridas numa dada realidade, com o seu contexto social, político, econômico e o seu devido enraizamento no tempo e no espaço, em que elas (as coisas) acontecem. Constituem este grupo, prosadores, poetas, ensaístas, cronistas, historiadores, romancistas, jornalistas, pesquisadores e professores. Sem os quais, *o único produto da atividade (humana) a história que eles vivem e encenam não poderia sobreviver.*⁹⁴

Considerações finais

A literatura deve ser uma das fontes de pesquisa do historiador. Não se pode negar isso, tampouco escamotear as possibilidades de diálogo entre aquela e a história, ou sequer ignorar a enorme contribuição dos literatos. Os cronistas e viajantes, capitães-generais e historiógrafos, poetas e prosadores, professores e os cidadãos comuns escreveram páginas fundamentais de uma história que diz respeito às gerações atuais de mato-grossenses. É muitíssimo valioso o legado deixado por eles. Trabalhá-lo é sempre um revistar espaços não vivenciados e cenários já inexistentes, mas que se tridimensionam perante a não lembrança.

Assim como também devem ser vistos os trabalhos do Almirante Augusto João Manoel Leverger (1802-1880),⁹⁵ que, segundo Póvoas, foi um dos maiores estudiosos da história mato-grossense,⁹⁶ influenciando os cronistas nascidos nas últimas décadas do século XIX. Estes cronistas,

94. ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983, p. 187.

95. O Barão de Melgaço viveu em Cuiabá de 1830 até 1880, quando veio a falecer. Residiu, grande parte desse tempo, no atual casarão que abriga o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Mato-grossense de Letras. Escreveu Apontamentos para o dicionário corográfico da Província de Mato Grosso, Roteiro de navegação do rio Paraguai, Diário de reconhecimento do rio Paraguai, Memórias sobre o rio Paraguai desde Nova Coimbra, Notícias sobre a Província de Mato Grosso, Vias de comunicação de Mato Grosso, observações sobre a carta geral do Império, relativa à província de Mato Grosso, Carta do rio Paraguai, Mapa geográfico, cronológico e estatístico da Província de Mato Grosso, Diário e roteiro da viagem feita desde Assunção até Baía Negra, Planta hidrográfica da Lagoa Uberaba, Esboço do rio Cuiabá desde a confluência do rio São Lourenço até a cidade daquele nome, carta de um reconhecimento do distrito de Miranda.

96. PÓVOAS, Lenine C. op. cit., p. 27.

no entender de Corrêa, não podem ser compreendidos e estudados desvinculados da presença daquele.⁹⁷ Estevão de Mendonça, Virgílio Corrêa Filho e Antônio Fernandes de Souza foram os que mais receberam influências dos trabalhos históricos e geográficos do Barão de Melgaço. E, mais tarde, estes três historiógrafos passaram, igualmente, a exercer uma certa influência sobre os historiadores dos dias atuais. Suas obras são, a exemplo dos trabalhos dos cronistas dos tempos idos, fontes importantes e fundamentais para os atuais pesquisadores e estudiosos da história mato-grossense.

Contudo, vale lembrar que os trabalhos de cronistas, capitães-generais e governadores, viajantes, cientistas, poetas e prosadores formam imagens, promovendo jogos entre o que é possível lembrar e o de que se esqueceu, entre o que está presente e o que desapareceu. Nesta condição, eles não contemplam todos os aspectos físico, geográfico, sócio-político-econômico e histórico da região. Nem poderiam. Tampouco dão as respostas a todas as indagações atuais. O que leva o historiador do presente fazer a crítica, inserir a razão onde é falta, levantar questões, lançar bases teóricas que propiciem o resgate do processo histórico e cultural do Estado de Mato Grosso.

97. CORRÊA, Valmir Batista. "Os herdeiros de Leverger". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá: Edição do IHGMT, p. 271, 1994.